

Conversas com valor

Isabel Morais

*Uma vida pautada pela preservação da dignidade
da Pessoa com Ostomia*

A dignidade dos doentes tem sido uma preocupação constante para Isabel Morais ao longo do seu percurso profissional. Cofundadora e presidente da Associação Portuguesa de Enfermeiros de Cuidados em Estomaterapia (APECE) durante 15 anos, tem procurado cultivar a vida dos seus doentes.



Setembro é uma altura do ano muito especial para a enfermeira Isabel Morais. Nasceu nesse mês na Marinha Grande e fez parte dos seus estudos em Leiria. Se a ligação muito forte que tinha aos animais e às crianças a fazia prever que envergaria pelo caminho da Veterinária, da Docência ou da Pediatria, a verdade é que, influenciada pelas amigas, seguiu-lhes o passo e entrou na então Escola Superior de Enfermagem Bissaya Barreto, em Coimbra. E fez sentido: "Senti-me abraçada pela essência focada no cuidar e pela componente técnica que abarcava."

Após uma breve passagem por um hospital do interior, começou a trabalhar no IPO de Coimbra. Se, por um lado, a área da Oncologia a deixava ligeiramente apreensiva, a evolução das técnicas cirúrgicas, das terapêuticas para o controlo da dor e dos tratamentos oncológicos davam-lhe a energia necessária para acreditar que estava no caminho certo. Ao mesmo tempo, "procurava ganhar força para cuidar do sofrimento do outro no círculo de amizade da equipa e na interajuda que a pautava".

A ideia de abraçar uma missão esteve sempre presente e, em 1988, poucos anos após ter entrado na instituição, partiu para Cabo Verde, ali permanecendo durante "três meses marcantes, a trabalhar muito, mas também a aprender e a receber ainda mais". Além de ter experienciado uma prática clínica diferente, por ter sido alocada a um centro de saúde, dedicando-se maioritariamente ao planeamento familiar, à vacinação e à pediatria, viu-se confrontada com "diferentes valores culturais, que só tinha de respeitar, procurando adaptar a intervenção". Desde então, tem mantido este sentido de missão, tendo viajado para o Sri Lanka, de forma individual, aquando do tsunami de 2004. Desde 1999 que tem vindo a visitar anualmente Moçambique, e a cuidar daqueles, que lá, já lhe são próximos.

Permaneceu ligada ao Serviço de Oncologia Médica do IPO de Coimbra durante 12 anos, tendo obtido, durante esse período, mais concretamente em 1995, o título de especialista em Enfermagem Médico-Cirúrgica. Dirigiu, desde logo, o seu trabalho final para a estomaterapia, por entender que “era preciso fazer algo na instituição pelo doente com ostomia”. Ainda nesse ano, transitou para o Serviço de Gastrenterologia/Pneumologia e logo frequentou um curso naquela área, onde evidenciou que “era necessário intervir ao longo de todo o percurso terapêutico, desde o pré-operatório à alta hospitalar, incluindo as consultas de *follow up*, do doente com ostomia, seja respiratória, alimentação ou eliminação”.

Um projeto de “intervenção de qualidade”

O seu projeto de vida profissional acabou por passar pela criação e coordenação de um Gabinete de Estomaterapia que, de forma inédita, além de abarcar os três tipos de ostomia, alinhava no conceito de acompanhamento contínuo do doente. Este projeto de “intervenção de qualidade” arrancou oficialmente - claro está! - no mês de setembro de 1999. Defendendo valores como a empatia na relação profissional-doente, Isabel Morais entende que, na estomaterapia, “cultiva-se a vida e há que respeitar a dignidade e a cultura de cada doente, procurando conhecer a sua individualidade, mas também a sua interação familiar e social”. Só esta relação de confiança permitirá, na sua ótica, “identificar algum nível de sofrimento e ajudar a ultrapassá-lo”.

No seu entender, a manutenção desta relação de confiança será mais conseguida se o doente for sendo acompanhado, ao longo do processo terapêutico. Como Isabel Morais explica, “primeiro, temos que desbloquear emocionalmente os doentes para depois construirmos uma nova identidade”.

Optando por “deixar” para trás o Serviço de Gastrenterologia/pneumologia para se dedicar integralmente à estomaterapia, durante 15 anos assumiu a Gestão da Consulta Externa do IPO de Coimbra enquanto mulher de “missões”, uma vez que, para si: “o IPO é a instituição em que vivo e com a qual me identifico, pelo que, se estavam a precisar de mim, eu só tinha de responder”.



Conversas com valor

Gostou desta história?
Sabia que nos pode enviar sugestões de temas e/ou de enfermeiros que gostasse de ler o seu testemunho?
Quem gostaria que participasse nas Conversas com valor?
Envie email para conversascomvalor@coloplast.com

Apesar do tempo que esta função lhe ocupava e agradada a tantas outras como a investigação e a formação, nunca deixou de prestar cuidados diretos à pessoa com ostomia. E quando todos a incentivaram a participar no concurso para enfermeira-chefe, logo que percebeu que essa progressão a afastaria da estomaterapia, razão pela qual desistiu do mesmo.

“Contribuir para a qualidade dos cuidados prestados”

A Associação Portuguesa de Enfermeiros de Cuidados em Estomaterapia surgiu na sequência da sua envolvimento nesta área de atuação, quando identificou “algum isolamento entre os profissionais e a carência de momentos formativos para desenvolver a investigação ou simplesmente partilhar experiências”.

Juntamente com uma colega do Porto e outro de Lisboa, esta Associação foi criada em janeiro de 2006, com a consciência de que “sabíamos pouco da vertente logística e administrativa, mas estávamos motivados e conhecíamos as necessidades dos doentes e dos colegas”.

Entretanto, aos 30 enfermeiros fundadores foram juntando cada vez mais, entendendo Isabel Morais que se trata de uma área em crescimento pelo natural interesse dos profissionais em experienciar diferentes vertentes da Enfermagem. A elevada afluência ao primeiro Congresso, que aconteceu ainda em 2006, com cerca de 400 participantes “ávidos de saber”, foi, para Isabel Morais, uma fonte de motivação ao longo destes 15 anos.

Após vários mandatos de três e, posteriormente, quatro anos, a enfermeira, que desde fevereiro deste ano assume a função de consultora da APECE, está convicta de que a Associação contribuiu para “valorizar esta área, desenvolver as competências dos enfermeiros e motivá-los a intervir de uma forma mais efetiva”. E, está convicta que conseguiu atingir a missão a que se tinha proposto de levar todos os profissionais a “acreditar no trabalho da Associação e a vê-la como agregadora de um grupo de enfermeiros cujo objetivo é diferenciar-se nesta área e contribuir para a melhoria dos cuidados prestados”.

Tendo-se proposto cumprir vários objetivos, entre os quais a definição de normas e das competências acrescidas à estomaterapia, a concretização destas últimas, em 2019, pela Ordem dos Enfermeiros, levou-a a entender que “o objetivo major inicial tinha sido atingido, podendo agora cessar funções”. Hoje, recorda aquele período com “muita saudade”, mas com a certeza de que quer continuar a aprender e a progredir e, claro, a “cultivar a vida e a preservar a dignidade da pessoa com ostomia e da sua família, fazendo a diferença nas suas vidas”.

A sua forma de comunicar, “adequando a intervenção a cada um”, contribuiu desde logo para esse fim. E Isabel Morais vai mais longe: “Ao longo destes 22 anos foi possível através de Formação, Investigação, reflexão com a equipa que comigo integra esta consulta, conseguir, ajudar a pessoa que foi ou vai ser submetida a uma ostomia, de uma forma significativa para a mesma, uma vez que a continuidade do processo de capacitação é operacionalizada pela própria, nas suas atividades de vida diária.”

Em sinal de reconhecimento da dedicação à APECE, o seu nome foi atribuído a uma Bolsa de Formação, que será atribuída pela primeira vez em 2022.

Isabel Morais estendeu a sua proatividade na área a nível internacional, sendo há vários anos delegada do World Council of Enterostomal Therapists, cargo que ainda hoje mantém.